



A REFLEXÃO CRÍTICA POR MEIO DA LEITURA LITERÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Jhuliane Vieira Ferreira
(Universidade Estadual de Goiás - UEG)

Karolliny Honório da Silva Sá
(Universidade Estadual de Goiás - UEG)

Luciana Maria Torres
(Universidade Estadual de Goiás - UEG)

Luana Alves Luterman
(Universidade Estadual de Goiás - UEG)

Resumo: O presente relatório tem por finalidade apresentar relatos de experiência do estágio supervisionado II, por estagiários do 4º ano de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Inhumas, do mês de agosto e setembro de 2016. Desenvolvemos o projeto colaborativo em turmas do 2º ano “B”, e uma oficina para alunos do 1º, 2º, 3º ano, no Instituto Federal de Goiás, Câmpus Inhumas. Durante o Estágio Supervisionado nos trabalhamos a Língua Portuguesa e Literatura II. Planejamos nossas aulas dando ênfase na leitura das obras literárias, na qual levamos à teoria a prática, instigando os alunos a leituras reflexivas, com foco no ensino e aprendizagem, podendo assim, instigar o interesse dos alunos pela língua, e mostrando as modificações no decorrer dos tempos. Porque de acordo com Saussure (2000) a “língua é dinâmica, arbitrária e convencional”. Desta forma estimulamos a leituras literárias de forma prazerosa e Considerando o contexto dos educandos que está inserido numa época em que as novas tecnologias predominam, embasamos em ROJO, (2012) que visa trabalhar através de uma pedagogia dos multiletramento. Em que o professor passa de detentor a transformador. Sendo assim, utilizamos recursos de vídeo, slides, filme para que de certa forma o olhar deles diante das obras fossem moldados, e demos vozes aos alunos, pois de acordo com Paulo Freire (1987), devemos mudar nossas maneiras de trabalhar em sala de aula, e não trabalhar a pedagogia tradicional, em que somente os professores obtinham vozes. Ao final de nosso estágio fomos surpreendidos pelo crescimento que tivemos ao decorrer das aulas.

Palavras-chave: Literatura. Contexto. Tecnologia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade demonstrar as nossas experiências no estágio supervisionado II, realizado no turno matutino, em uma Instituição Federal, o Instituto



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Federal de Goiás, Câmpus Inhumas. Esta instituição oferece cursos para o ensino médio, técnico e superior aos alunos. Em nosso estágio trabalhamos com alunos do Ensino Médio, fomos orientadas e supervisionadas pela professora e orientadora. Neste relatório, iremos discorrer sobre as experiências encontradas no estágio, no qual tivemos não só pontos positivos, mas também negativos. Toda a prática contribuiu para nosso crescimento intelectual como futuras professoras. Neste período, aprendemos a trabalhar em conjunto, e buscamos dos alunos o trabalho em equipe. De acordo com Vygotsky (1991), devemos instigar os alunos sobre a importância do trabalho com a interação. Pois a importância do trabalho interativo é que o aluno com mais facilidade de aprendizado ajuda o colega com dificuldade, deve ocorrer em duplas ou grupo de acordo com a atividade proposta, em nossa regência dividimos a turma em grupo de cinco integrantes e trabalhamos o gênero entrevista dentro da obra literária.

A regência foi ministrada em dez aulas no 2º ano “B” com 20 alunos no turno matutino. Neste período trabalhamos obras literárias sobre “Romantismo”, e duas aulas como oficinas no período vespertino em turmas de 1º, 2º, 3º ano, com 15 alunos. Nessa oficina, trabalhamos em equipe com outro grupo de estagiários e adaptamos dois conteúdos em um só: “Romantismo X Modernismo”, que totalizou 12 aulas ministradas, a quantidade exigida para finalizar nosso Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas II, tendo início em agosto com finalização em setembro de 2016.

Antes de iniciar o estágio, fizemos uma visita à escola campo, em que tivemos o acompanhamento de nossa professora-orientadora de estágio de língua portuguesa. Foi um momento que tivemos a oportunidade de conhecer as dependências e estruturas físicas do instituto. Fomos recepcionados pelo coordenador, que se dispôs a nos mostrar tudo relacionado à educação e aprendizagem dos alunos, com todas as informações possíveis.

Instituição federal apresenta um espaço físico excelente para o ensino aos discentes. Sua estrutura física é constituída com ambientes bem separados e classificados de acordo com sua função no meio escolar. A instituição funciona nos três turnos: matutino, vespertino e noturno, oferecendo uma comodidade aos alunos. Apresenta 16 salas de aula, secretaria, sala dos professores, biblioteca com espaço satisfatório para pesquisas, o acervo é adequado à faixa etária dos alunos, os livros literários são considerados satisfatórios para o ensino médio por possuírem diversificadas fontes de pesquisa, como enciclopédias, livros, jornais e revistas. Há refeitório, pátio, secretaria, banheiros, bebedouros, sala de vídeo, laboratórios de



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

informáticas, sala de direção, sala de coordenação, laboratório de ciências, e laboratórios de línguas, os espaços são amplos, bem organizados, o pátio é bem arejado e limpo. A instituição possui 16 salas de aulas, e são consideradas pelos profissionais com espaços satisfatórios, pois as turmas do Instituto possuem no máximo 35 alunos. As salas apresentam câmera, ventilador, carteiras, lousa, mesa para os professores, na sala de vídeo tem ar-condicionado. A escola campo não proíbe o uso de celular, sendo assim, vimos o uso do aparelho como um aliado no aprendizado de cada um deles por saber quando deve ser utilizado como fonte de pesquisas.

O professor regente de língua portuguesa e literatura possui formação acadêmica em Letras na Universidade Federal de Goiás, especialização em letramento informal e mestrado em linguística. Observamos que suas aulas são bem diversificadas e embasadas em diversos teóricos. Notamos que o professor usa muito a teoria de Paulo Freire, respeitando o contexto de cada um, ofertando voz, direito de dizer, aos alunos. Ele também se embasa em Saussure, ressalta em suas aulas que a língua sofre modificações através dos tempos, de acordo com Saussure a língua é dinâmica, arbitrária e convencional. Trabalhamos também as teorias pós-estruturalista, pois ao observarmos as aulas na semirregência, o professor regente trabalhou o multiletramento dando voz aos alunos, não ficou preso na gramática tradicional, fez com que os estudantes refletissem através de filmes, músicas, utilizando uma linguagem verbal e não verbal. Para Irandé Antunes (2007), o professor deve ensinar gramática contextualizada e não frases soltas. Suas aulas seguem a seguinte estrutura: expositiva e discursiva no qual trabalhou a heterogeneidade dos gêneros que são infinitos. Em seguida, há produção dos alunos, há uma interação entre educador e educandos.

Após o término de observação, no âmbito geral, observamos que os alunos eram bastante participativos e que o professor indagava levando-os a refletir perante as aulas, tornando a aula dinâmica e interativa. Neste momento há uma troca de saberes. Nos não havíamos observado a turma em que realizamos a regência, pois o professor regente não ministrava aulas nessa turma no período da semirregência. A regência que aplicamos teve o seguinte tema: *A reflexão crítica por meio da leitura literária*. O nosso projeto foi produtivo e aceito pelos alunos, que se empenharam em participar e nos ajudar da melhor forma.

A partir da concepção de contextualizar as aulas com os alunos e a tecnologia, desenvolvemos a temática do nosso projeto, levando em consideração uma forma de trabalhar a literatura contextualizada que fizesse sentido tanto para nós quanto para os discentes. Lemos



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

as obras estipuladas pelo currículo referencial da instituição e elaboramos nossos planos embasados nas orientações da professora de estágio e nas aulas do professor regente, que a nosso ver eram bem planejadas, levando os alunos à reflexão e ao interesse pelas aulas ministradas, contribuindo com a troca de experiência entre os colegas. Chegamos assim a uma ideia em comum, trabalhamos por meio dos multiletramentos, como vídeos, áudios, imagens, filmes, não deixando de lado a obra literária, mas atualizando-a como forma de despertar o interesse dos alunos pela leitura.

As obras foram trabalhadas com intuito de auxiliar de estimular a leitura e sua interpretação, nosso objetivo era de mediar o conhecimento por meio da leitura reflexiva. Tivemos por finalidade estabelecer a relação entre a temática das obras e o cotidiano dos alunos, neste momento eles perceberam que obras agem indiretamente e estão presentes nas nossas vidas, um exemplo disso em nossa regência foi uma comparação do Romantismo do século XIX, com a atualidade de hoje, indagados os alunos: se hoje ainda existe aquele amor no qual Peri dava sua vida a Ceci. Diante disso, buscamos despertar o gosto pela leitura de obras canônicas por meio da interação com a turma e ministrando aulas dinâmicas não somente focadas no texto escrito. Utilizamos estratégias de leitura para ativar a criatividade de raciocínio dos estudantes, que foram de extrema importância para que os alunos se sentissem motivados durante as aulas e participassem e esclarecer suas dúvidas. A estratégia de leitura abordada foi a de predição. De acordo com Oliveira (2010, p.71),

Prever o conteúdo de um texto faz com que o leitor ative esquemas mentais e o ajuda a construir hipóteses sobre o texto. Acostumar os alunos a explorarem o título, o subtítulo e as imagens de um texto para prever seu conteúdo é importante para concretizá-los a cerca de um fato de que eles geralmente se esquecem: um texto não é formado necessariamente só por palavras, pois ele pode também possuir imagens e cores significativas.

Muitas vezes, o processo de leitura está sendo mal conduzido. Porque muitos professores não instigam os alunos leituras, Isso acaba atrapalhando a relação de professor e aluno, levando o educando a má compreensão do texto lido, prejudicando a prática da leitura, quando na realidade o resultado de uma atividade de leitura como processo de linguagem na interação social, em que está presente a heterogeneidade discursiva, é atravessado por outros discursos; Ou seja, por meio das leituras eles interagiram, e promoveram a multiplicidade de leituras dos textos. *O Guarani*, de José de Alencar, e *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias,



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

exaltam o índio como forte e guerreiro, e fazem comparações das obras literárias com a atualidade.

A leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades a escrita [...]. Atividade da leitura favorece num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações a cerca da coisa, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral (ANTUNES, 2003, p.70).

Ao finalizarmos nossas aulas, vimos à importância de trabalhar a leitura contextualizada, na literatura. As Orientações Curriculares para o Ensino Médio ressaltam que “A prática escolar em relação à leitura literária tem sido a de desconsiderar a leitura propriamente e privilegiar atividades de metaleitura, ou seja, a de estudo do texto (ainda que sua leitura não tenha ocorrido), aspectos da história literária, características de estilo [...]” (BRASIL, p. 70). Ou seja, levantamos os conhecimentos prévios dos alunos acerca das obras estudadas. Foram doze aulas, duas por dia, durante seis dias. Nesses seis dias tivemos experiências boas e ruins, erramos em algumas coisas, em nosso primeiro planejamento tentamos trabalhar a intertextualidade do século XIX com a atualidade, mas perdemos o foco da aula, neste dia não deu certo, mas ao retornarmos a aula seguinte, reelaboramos um novo plano e seguimos orientações de nossa orientadora, sendo assim aprendemos com nossos erros, trabalhar a intertextualidade dentro da literatura, Entretanto, vimos que o professor não pode ser detentor do conhecimento, mas sim redentor, fazer a diferença em sala de aula. Instigando os alunos a serem críticos reflexivos e ao ensinarmos, também adquirimos conhecimentos com os educandos.

Percursos metodológicos e procedimentos didáticos pedagógicos

Ao planejarmos nossas aulas de forma colaborativas, chegamos à conclusão de que trabalharíamos as obras literárias abordando diferentes contextos que marcaram épocas e ideologias de uma nação. Libâneo (2004, p. 5) afirma que “[...], com efeito, as crianças e jovens vão à escola para aprender cultura e internalizar os meios cognitivos de compreender e transformar o mundo.” Refletindo sobre isso, decidimos aplicar a literatura de forma



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

contextualizada, enfatizando os conhecimentos prévios dos alunos por meio de dinâmicas do multiletramento para produzir aulas dinâmicas, diversificadas, incentivando-os a leitura.

A leitura do mundo e a leitura da palavra são processos concomitantes na construção dos sujeitos. Ao ‘lermos’ o mundo, usamos palavras. Ao lermos as palavras, reencontramos leituras do mundo. Em cada palavra, a história das compreensões do passado e a construção das compreensões do presente que se projetam como futuro. Na palavra, passado, presente e futuro se articulam (GERALDI, 2010, p.32).

Ao finalizarmos o planejamento colaborativo, apresentamo-lo à professora-orientadora de estágio e ao professor regente do Instituto Federal de Goiás – Câmpus Inhumas, onde o projeto seria executado. Depois de confirmado o planejamento, iniciamos as aulas no dia 10 de agosto do ano de 2016 e finalizamos dia 26 de setembro do ano de 2016, completando assim a última etapa do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literaturas II.

O período de regência teve início dia 10 de agosto, no período matutino, numa sala de 2º ano “B” do Ensino médio. Em aula expositiva iniciamos indagando os alunos sobre o conhecimento prévio do Romantismo. Em seguida, utilizamos dois vídeos sobre *I-Juca Pirama*. A ideia era trabalhar um breve histórico-cultural do índio (principal personagem da obra) e de outras obras com esse tema. Em seguida faríamos o levantamento prévio do texto e a leitura do poema na íntegra, apresentando as características do Romantismo presente no poema de Gonçalves Dias. Os alunos mantinham-se atentos e participativos, porém o objetivo da aula não foi alcançado, devido a pouca experiência do grupo. Enfatizamos muito a cultura indianista, e ao tentarmos fazer uma intertextualidade com a atualidade fugimos do tema. Neste momento nos trabalhamos a transdisciplinaridade sem planejar, pois acabamos fazendo rupturas descontextualizadas ao conteúdo perdendo o foco da aula. Após o término das aulas fomos para o *feedback* com a professora-orientadora. Ela nos indagou: “Que matéria vocês deram mesmo”? Momento tenso de reflexão, mas foi através do erro que aprendemos, a trabalhar a transdisciplinaridade sem perder o foco da aula acabamos prejudicando os alunos, pois eles haviam lido a obra para discutirmos as características do romantismo com eles.

A segunda aula aconteceu no dia 17 de agosto de 2016. Utilizamos slides para a introdução do livro *O Guarani*, de José de Alencar. A aula tinha como foco o contexto histórico da obra, a estrutura da narrativa, principais personagens e as características da escola



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

literária presentes na obra e a explicação de uma atividade sobre a obra e autores do romantismo.

A terceira aula aconteceu dia 24 de agosto de 2016. Apresentamos o filme *O Guarani* para que os alunos pudessem associar obra e filme. Dividimos a turma em grupos de cinco integrantes e pedimos extrema atenção ao filme, pois ao final eles teriam de preparar uma entrevista. Neste momento trabalhamos de acordo com a teoria de Vygotsky (1991), que ressalta a importância da interação. Pensamos nessa aula sob a perspectiva interacionista: “[...] a aprendizagem ocorre mediante a prática social entre indivíduos, os quais podem ser compreendidos em dois posicionamentos distintos: novatos e experientes” (VYGOTSKY, 1991, p.167). Ou seja, ao trabalhar entrevista, os alunos interagiram, neste momento houve trocas de saberes.

O aluno, sob a perspectiva interacionista, não é mais visto como um ser passivo – ele passa a ser concebido como um sujeito ativo que, para construir seus conhecimentos, se apropria dos elementos fornecidos pelos professores, pelos livros didáticos, pelas atividades realizadas em sala e por seus colegas. (OLIVEIRA, 2010, p. 28).

A quarta aula aconteceu no dia 31 de agosto de 2016. Houve o término do filme. No início da atividade de entrevista, todos participaram, porém com perguntas que não necessariamente precisariam ler o livro, portanto, não foi eficaz. E, para finalizar as correções das atividades, fizemos as correções da seguinte maneira: pedíamos um para ler a pergunta e outro para ler a resposta e ver quem tinha acertado mais. Neste momento, questionamos como eles haviam chegado a essa resposta.

A quinta aula ocorreu no dia 21 de setembro de 2016. Introduzimos *O navio negreiro*, de Castro Alves. Utilizamos um vídeo que recitava o poema e mostrava cenas do tráfico de escravos. Trabalhamos com o poema impresso para que os alunos retirassem palavras que não conheciam e olhassem no dicionário. Mostramos a importância da língua ao decorrer do tempo, pois, segundo Saussure (2000), a língua é dinâmica, arbitrária e convencional, pois ela muda através dos tempos. Apesar de Saussure ser um teórico estruturalista, essa mudança da língua ainda está presente na atualidade. No decorrer dessas aulas, discorremos sobre a temática do poema, canto por canto, e trabalhamos a gramática contextualizada. Ou seja, não adianta trabalhar só o lexo, a estrutura da língua, temos que



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

trabalhar a língua de forma heterogênea, e não homogênea, as diversidade de respostas, mas com mesmo sentido.

Língua e gramática pode ser uma solução se sabermos ter olhos de ver bem longe e enxergarmos uma travessia não totalmente pronta, mas que se vai fazendo; se crermos que há muito o que fazer nas aulas, envolvendo a gramática em atividades de análises, de leitura, de escrita, de oralidade; propondo perspectivas interativas e diferentes modos de expressão; desfazendo preconceitos e valorações discriminatória (ANTUNES, 2007,P. 161).

Ao trabalharmos figura de linguagem dentro das obras literárias, trabalhamos a gramática contextualizada explorando leitura, escrita e a interação entre o dialogismo da turma, este foi um momento muito importante, ao ministrarmos a obra *Navio Negreiro* fazemos a comparação do sofrimento do povo daquela época com a atualidade dos refugiados da Síria nós nos emocionamos muito e superamos nossas inseguranças ao trabalhar literatura em ensino médio.

Dando sequência à regência, iniciamos a sexta aula no dia 26 de setembro, em forma de oficina, no turno vespertino, para alunos do 1º, 2º, 3º ano, em conjunto com outro grupo de estagiários para juntos trabalharmos duas escolas literárias, Romantismo X Modernismo. A aula foi iniciada com poemas de Carlos Drummond de Andrade para introdução do modernismo. Em seguida, utilizamos trechos de *O Guarani* para introdução do romantismo. A oficina foi um momento produtivo de reflexão sobre as obras literárias. Os alunos participaram, esclareceram suas dúvidas e nos questionaram. Ao término destas aulas, acadêmicas e orientadora refletimos e concluímos que todo esforço valeu a pena, percebemos que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, plantamos uma sementinha do conhecimento, porque instigamos-los a leitura literária, para que eles pudessem ir além da obra: isto ocorreu na última aula que em forma de oficina ouvimos dos próprios alunos o desejo de ler outras obras literárias. “A leitura do texto literário é, pois, um acontecimento que provoca reações, estímulos, experiências múltiplas e variadas, dependendo da história de cada indivíduo” (BRASIL, p. 67). Assim sendo através da leitura dos textos literários em nossa regência vimos que a leitura que os alunos fizeram provocou diversas reações e estímulo em cada um, falaram sobre valores éticos que a humanidade sofria não só naquela época, mas remete até nos dias atuais.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Vivenciamos cada experiência de leitura. Para ter domínio do conteúdo que iríamos desenvolver com os estudantes, tivemos estímulos múltiplos de cada obra literária, incentivamos os alunos a ter o gosto pela leitura literária de forma que deixassem de ver as obras como um fardo pesado e obrigatório, como era aplicado no ensino tradicional. Utilizamos dinâmicas, recursos audiovisuais como uma alternativa para auxiliar nesse processo de aquisição da leitura.

De acordo com Antunes (2007), em seu livro *Muito além da gramática*, devemos desconstruir a ideia de um ensino de língua portuguesa como se ela fosse constituída unicamente de gramática, de estruturas que regem a língua que ainda é tida como única. Como a autora afirma, a língua é sócio-interativa e seria necessária uma gramática para cada situação.

SE LÍNGUA E GRAMÁTICA não se equivalem, saber gramática não é suficiente para uma atuação verbal eficaz. De fato, um dos maiores equívocos consiste em se acreditar que o conhecimento da gramática é suficiente para se conseguir ler e escrever com sucesso os mais diferentes gêneros de texto, conforme as exigências da escrita formal e socialmente prestigiada (ANTUNES, 2007, p. 53).

Porque não adianta ensinarmos gramática fragmentada, saber gramática apenas decorando-a não tem serviam para nada, como era feito no ensino tradicional no qual os alunos tinham que decorar toda gramática solta, mas quando iam usá-la dentro do texto não sabiam executá-las. Antunes (2003, p.111) lembra que “(...) as aulas de português seriam aulas de falar ouvir, ler e escrever textos em língua portuguesa”. Segundo a autora, aulas de português não são mais presas às estruturas, saber escrever é importante, mas o mais importante é o sentido do texto, ou seja, a interpretação, levarmos os alunos à reflexão crítica, e ao entendimento dos textos, à interação, tornando-os leitores críticos e não presos às nomenclaturas e decorebas como no ensino tradicional. Houve várias mudanças, como vimos anteriormente na citação de Paulo Freire, que foi um dos que lutou muito por um ensino que proporciona a interação, as trocas de saberes, sendo esses autores de extrema importância nos suportes de nossos planos que levamos as práticas. Percebemos então um ensino voltado para a Análise do Discurso, que estuda a heterogeneidade e não a homogeneidade linguística, exploramos o dialogismo dos alunos no qual as vozes vão se entrelaçando através dos discursos de outrem.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Por conseguinte, Paulo Freire (1996) aborda os saberes para a prática docente, os conhecimentos que formarão um profissional crítico reflexivo capaz de agir, de perceber o funcionamento dos textos, na prática. O autor desenvolve conceitos de práticas que ele considera fundamentais à formação docente, como criticidade e pesquisa. Isso foi fundamental em nossa regência, estimulamos os alunos por meio de comparações das obras literárias com a atualidade.

Ao elaborarmos nossas aulas, não temos a certeza se vai ou não haver êxito, somente na execução em sala de aula teremos a certeza, e é sempre importante termos um plano “B”, porque em uma de nossas aulas havíamos testado o material pedagógico antes em nosso computador, mas ao adaptarmos ao datashow da instituição não ocorreu falha de execução tecnológica do equipamento, porém, com ajuda dos discentes, foi possível dar sequência ao plano. Geraldi (2010) ressalta que é necessário que o professor se envolva com a sua prática, de forma constitutiva, na qual os discursos de um vão se entrelaçando nos discursos de outros.

E como nossa forma de conhecer o mundo, as gentes e suas relações é constitutiva daquilo que somos, esta nova identidade em construção para o professor terá profundas relações com novas formas dos conhecimentos: sempre parciais, locais, incertos. Talvez nossa grande aprendizagem com os novos paradigmas científicos e culturais seja a aprendizagem da instabilidade. Por isso nossa nova identidade profissional se constituirá no âmago da solução do conjunto das demais crises, e uma nova identidade é já força de construção de soluções (GERALDI, 2010, p.92).

Alguns professores, ao trabalharem literatura no decorrer do Ensino Médio, não se importam se os alunos entenderam ou não o conteúdo, eles querem apenas cumprir o cronograma estabelecido pela escola, não estimulam a leitura, deixando-o a desejar. Ensinam somente fragmentos que servirão de base para o vestibular, mas o conhecimento não se dá somente por fragmentos.

Consoante Cosson (2006, p.28):

O efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros. Embora essa experiência possa parecer única para nós em determinadas situações, sua unicidade reside mais no que levamos ao texto do que no que ele nos oferece. É por essa razão que lemos o mesmo livro de maneira diferente em diferentes etapas de nossas vidas. Tudo isso fica ainda mais evidente quando percebemos que o que expressamos ao final da leitura de um livro não são sentimentos, mas sim os



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

sentidos do texto. E é esse compartilhamento que faz a leitura literária ser tão significativa em uma comunidade de leitores.

Por meio do estágio, vimos à importância de trabalhar teoria e práticas juntas. A teoria é uma ferramenta primordial, na construção do plano de aula, pois não seria possível a prática para sala de aula sem um suporte teórico.

Desse modo, as reflexões dos professores os levariam a pensar o que é a leitura e, certamente, a reformularem sua prática pedagógica e suas intenções de ensino. Se houvesse um estímulo dos órgãos que tratam das políticas de leitura e das próprias escolas para uma formação docente reflexiva, que conduz a mudanças e tomadas de decisões guiadas pela reflexão sobre a prática pedagógica, o professor mobilizaria bem mais seus conhecimentos na tentativa de acabar com o hiato entre teoria e prática (COSSON, 2012, p. 41).

Como bagagem de leituras, carregamos a consciência de que o papel do professor vai além de uma mera transmissão de conteúdos, que temos um papel social juntamente com o docente, que ensinar uma língua não é simplesmente ensinar sua gramática. Ensinar significa facilitar a aprendizagem dos estudantes, é entender o aprendizado como um fenômeno sociocultural e ao professor cabe à tarefa de propiciar aos alunos o ambiente e os meios necessários para que eles construam seus conhecimentos, para que se tornem cidadãos/leitores ativos.

O interdiscurso, como defendido assim por Pêcheux (1975), lembra a noção de universo de discurso, como defendido por Maingueneau. Esse conceito amplo de interdiscurso talvez dê conta do fato de que um discurso não nasce de um retorno às próprias coisas, mas de um trabalho sobre outros discursos (Maingueneau, *apud* Possenti p. 381).

Ao trabalharmos literatura em sala de aula, vimos que os interdiscursos não nasce só, mas sim em retornos de outros discursos, pois não teríamos ideias sobre o que escrever, se não tivéssemos um alicerce uma sustentação para nosso imaginário. Assim sendo embasamos em teorias no qual interdiscurso de um atravessa os discursos de outrem. Entretanto percebemos a gratificação das leituras que proporcionamos aos alunos. Essa é a importância dos discursos que se intercambiam no aprendizado dos alunos, e vimos que discursos é assim produzem novos discursos que produzem novas práticas. Podemos ter esta convicção por meio de perguntas que fizemos a eles sobre as obras, eles participaram bem, isto acontecia



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

porque de alguma maneira eles conheciam a história antes, e realmente leram o que nos propomos a eles. Sendo assim, pudemos ouvi-los e houve uma troca de saberes entre nós, professoras estagiárias e alunos. Também aprendemos com o professor regente, os estudantes interagem bem com os colegas. Na imaginação de cada um há uma história, a subjetividade permite efeitos de sentido diferentes, um diálogo, um crescimento intelectual.

[...] reflexão introdutória não se focaliza o indivíduo falante, compreendido como um sujeito empírico, ou seja, como alguém que tem uma existência individualizada no mundo. Importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente marcado; um sujeito que não é homogêneo, e sim heterogêneo, constituído por um conjunto de diferente voz. Assim, as nações de polifonia, heterogeneidade e identidade também se constituem objeto de reflexão e são necessárias para se compreender o que chamamos sujeitos discursivos. (FERNANDES, 2008, p. 08-09).

Optamos por trabalhar um olhar mais aguçado com os alunos diante a sala de aula. Abordamos obras em que a heterogeneidade, o contexto sócio-histórico, e toda ideologia envolvida, permitem relações entre o próprio contexto sócio-histórico e as obras lidas, com o estímulo ao deleite estético. Trabalhamos com a mediação do conhecimento e não com a detenção, diferentemente dos estudos tradicionais.

Resultados e discussão

O nosso trabalho de estágio teve por finalidades levar os alunos à leitura crítica e reflexiva, por meio das obras literárias. O estágio foi uma etapa importante para nós, acadêmicas de licenciatura, pois nos proporcionou um crescimento único, porque ao iniciarmos nosso estágio estávamos com certo receio de como ensinar literatura para Ensino Médio, principalmente por se tratar de uma instituição federal e nós não termos observado, durante a semirregência, a turma em que executamos a regência. Mas ao entrarmos em sala de aula fomos bem recebidas. Sentimos mais segurança ao ministrar nossas aulas.

Em nossa prática na escola campo, tivemos por base a seguinte questão: o que é ser professora? Ser professora, para nós, é interagir com os alunos, instigando-os a reflexão crítica, ofertando-lhes voz e aprendendo com os mesmos. Ao ensinarmos literatura, vimos à importância dos enunciados presentes nas obras, que refletem o entendimento, pensando sobre a existência de um tema, para os alunos entenderem melhor o contexto das obras, um estilo de



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

linguagem no qual pode ser formal e informal. Os alunos tiveram mais dificuldades nos vocabulários de outras épocas por conter heranças arcaicas, além de uma estrutura composicional diferente da forma livre.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 1992, p.279).

Nosso objetivo era fazer com que os alunos se interessassem pela leitura das obras literárias. Trabalhamos três obras: *I-Juca Pirama* (esta obra eles já haviam visto, mas a revisamos); *O Guarani* (apesar de ser uma obra bastante extensa, a maioria das turmas se interessou pela leitura); *O Navio Negreiro* (todos se comoveram, e fizeram reflexões contemporâneas).

Nossos planos de aula foram formulados de acordo com as obras, três planos de aula para três obras e um para oficina. O projeto de estágio foi construído com o apoio de nossa professora de estágio, porém o primeiro plano de aula (*I-Juca Pirama*), na prática, não deu certo, enfatizamos pontos que deveriam ter sido trabalhados superficialmente (cultura do índio) e trabalhamos pouco aquilo que deveria ter sido o ponto chave da aula (interpretação do poema). O segundo plano (*O Guarani*) teve êxito porque não fugimos do tema, e os alunos participaram e contribuíram para o rendimento da aula. Propusemos uma atividade de entrevista, mas eles fizeram somente perguntas que não precisariam da leitura das obras para responder. Já o terceiro e último plano foram muito bem-sucedidos (*O Navio Negreiro*), pois, apesar de se tratar de um poema e de um vocabulário complexo, os alunos participaram ativamente da aula e leram o poema e refletiram.

Enfrentamos algumas dificuldades com relação a planejamento de aulas, pois condicionadas a ter aulas de literatura com base em características de escolas literárias, não sabíamos preparar aulas que explorassem a obra, na íntegra. Ou seja, o ensino tradicional deixou essa herança em nossa sociedade, de forma que temos que nos inspirar em vários teóricos, do interacionismo, e dos discursos, para abrangerem esta heterogeneidade encontrada em nossa atualidade. Buscamos trabalhar em uma pedagogia voltada ao multiletramento, ao inserirmos os alunos nos contextos de produção sócio-históricas das



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

obras. Outro problema que enfrentamos foi com relação ao vocabulário, que em sala de aula deve ser mais formal, durante a abordagem técnica das obras literárias, por exemplo, e não estamos acostumadas a usá-lo. O relacionamento com os alunos foi satisfatório: a turma é relativamente atenta e crítica. Acreditamos que um aspecto relevante para o sucesso da proposta de aula é a experiência: quando a adquirimos, por mínima que seja, conseguimos conduzir melhor as aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do estágio, chegamos à conclusão de que o ato de ensinar vai muito além de transmitir conhecimento. “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, 1996, p. 84) e quando nos deparamos com o ato de ensinar, devemos ter convicção de que a aprendizagem é mútua, de que devemos ser professoras mediadoras do conhecimento. Há muito a aprender na prática por meio da experiência. O aprendizado é um processo de interação que envolve os educadores e educando num ambiente sócio-histórico. Cada sala de aula é um novo desafio: tentamos conceber os alunos como sujeitos ativos, capazes de construir seus próprios conhecimentos. Enfrentamos algumas resistências, pois alguns alunos indagaram o porquê de estudar obras que remetem a outros séculos, mas sabemos que por trás delas há uma história, um contexto sócio-histórico. Então tentamos relevá-las e moldá-las, de uma forma que o nosso trabalho possa ser relevante para os alunos. A cada aula, a cada dia, houve uma nova experiência, alguns planejamentos dão certo, outros não e começamos outra vez. É necessário extrair os pontos positivos, refletir e refazer as correções necessárias. O estágio é por nós caracterizados como desafio, pois é o período que o acadêmico tem a oportunidade de conhecer a realidade do ensino, e contribuir de alguma forma, por mínima que seja.

A experiência adquirida durante o período de estágio contribuiu para que nos tornemos críticas e reflexivas sobre o ato de ensinar. Nossos objetivos foram alcançados, após algumas correções feitas e acreditamos ter contribuído para formação daqueles alunos, mesmo que minimamente, plantamos neles a sementinha do “reconhecimento” de que a literatura está em todos os lugares, em todas as épocas somente dotadas de estruturas diferentes e que, portanto, ela é importante e indispensável na nossa vida. Ao iniciarmos nosso estágio, estávamos muito inseguras: como trabalhar literatura em sala de aula? Havia receio



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

principalmente com alunos dessa instituição. Mas, no decorrer das aulas, nos envolvemos e apaixonamos e percebemos que literatura comove com as histórias. Mesmo que elas tenham acontecido há séculos, pertenceram a nossos ancestrais e fazem parte de nossa história como sujeita. De acordo com Bakhtin (2002), os discursos de outrem entrelaçam aos nossos. E a partir do momento que fomos para sala de aula nos entendemos melhor sobre teorias e práticas. Agradecemos nossa professora-orientadora, pelo carinho e dedicação no qual não mediu esforços para atender as necessidades do grupo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. Ipiranga, SP: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Aula de Português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1992.

_____. **Estética da Criação Verbal**. Trad.: M. E. G. Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola**: Teoria e Prática. Goiânia: Alternativa, 2004.

MOCCOLI, L. O ensino de língua estrangeira pode funcionar, desde que... In: LIMA, D.C. (org). **Inglês em escolas públicas funciona?** Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRASIL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Conhecimentos de Literatura – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que Todo Professor de Português Precisa Saber: a teoria na prática.** São Paulo: Parábola, 2010. (Estratégias de ensino; 17).

ROJO, R. **Pedagogia dos Multiletramentos:** diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R; MOURA. E. Multiletramentos na escola. São Paulo Parábola editorial, 2012.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** Trad. Antonio Cherline et al. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

VYGOSTKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.